

Competir para sobreviver

Um torrão de açúcar à direita, outro à esquerda. Neuroticamente equidistantes de um formigueiro, para que a escolha das formigas seja absolutamente aleatória. A primeira que chegar a um deles enviará mensagens. Conhecido o caminho, as demais se encarregarão de devorá-lo. Só depois se dirigirão para o outro. Com os produtos às vezes acontece o mesmo. A escolha inicial entre dois, muito parecidos, determina o futuro de ambos: um é disputado a tapas; o outro, embora tão bom quanto, mergulha no esquecimento. Uma vantagem inicial, obra do acaso ou da intenção, pode determinar o futuro em uma luta competitiva.

Mas nem sempre isso ocorre. Fatores históricos, culturais, econômicos, financeiros, militares e a pirataria interferem no mundo da competição e às vezes o melhor produto perde. Ou melhor, nem sempre o melhor permanece na dianteira. Mas, se tiver uma vantagem inicial, várias amarras podem ser criadas, tornando-o hegemônico e sua presença no mercado, avassaladora.

Por exemplo, a maioria dos teclados de máquinas de escrever (e dos computadores) conserva até hoje a seqüência QWERTY (cinco primeiras letras à esquerda na fileira de cima). Instalada nas primeiras e rudimentares máquinas, a seqüência tinha a missão de evitar que as letras se encavalassem para aumentar a velocidade de operação. Hoje, esse motivo desapareceu e, embora existam alternativas melhores,

quem teria coragem de propor a mudança de um “hábito” que já dura mais de cem anos? Além disso, interesses dos que detêm a patente conspiram contra uma solução mais eficiente. A disputa entre Windows e Linux reflete o mesmo processo.

Mas a vitória em uma competição comercial sempre se associou com os avanços na produtividade. E esta com a inovação e a criação de novos produtos. Tudo isso desaguardo e tendo início no binômio ciência e tecnologia, que, por sua vez, são rios que se nutrem nas águas da educação. Esta é a rainha no jogo de xadrez da competição.

Os outros fatores são importantes, mas, sem a rainha, o jogador geralmente é obrigado a derrubar o rei. Países asiáticos, como o Japão, e a Coreia, no passado e no presente, mostram que a fórmula funciona. Hoje a China e a Índia, dragões adormecidos, começam a soltar fumaça pelo nariz. Com imensas populações e certas faixas de mais de 100 milhões com níveis de educação formal considerável, já disputam no mercado mundial em campos tão sofisticados como os da tecnologia da informação e a produção de *softwares*. Ah! Já ia me esquecendo: independência política também ajuda, e muito. Pode ser o fiel da balança. Entre os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), a China é o país em melhores condições para “peitar” os Estados Unidos e a União Européia. Olho nela. E o Brasil, hein?



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP